

Palestra do Guia Pathwork® nº 229
Palestra Não Editada
4 de fevereiro de 1975.

A MULHER NA NOVA ERA

Saudações, meus amados, meus amigos queridos. Bênçãos para todos vocês. Prometi dar esta noite uma palestra sobre a mulher na nova era. Vou fazer isso com alegria e muito prazer. Vou falar da evolução da consciência no tocante à mulher e do relacionamento homem-mulher. Não se pode discutir esse assunto sem observar o relacionamento em evolução entre os sexos.

À medida que o planeta amadurece, também os homens e mulheres amadurecem. O que realmente significa essa maturidade? De onde vêm e para onde vão homens e mulheres no movimento evolucionário? Qual é a realização final da condição de mulher – e da condição de homem? Nessa etapa da história, a mulher está se tornando o que realmente é, saindo de seu confinamento.

Em seus primórdios, a humanidade estava em um estágio de desenvolvimento muito primitivo. A desconfiança era desmedida. Desconfiança de toda e qualquer coisa que não fosse o eu. Desconfiança dos fenômenos da natureza, dos animais, do tempo, dos deuses, do destino, de outras tribos – qualquer coisa que fosse ou parecesse ser diferente, estranha, alheia. Assim, é claro que a desconfiança do sexo oposto também fosse forte. O homem tinha uma desconfiança intrínseca em relação à mulher, e vice-versa. Cada um parecia ter razão em sua desconfiança, devido à atitude desconfiada do outro. Como o homem era fisicamente o mais forte e o aspecto físico era a única expressão da humanidade em seus primórdios, ele também assumiu uma aura geral de superioridade em relação a todos os que eram mais fracos.

A desconfiança mútua e o domínio físico do homem se manifestavam abertamente nas fases iniciais da humanidade. Desde então, em menor grau, esses traços e atitudes estão enraizados na consciência da mulher e do homem. Eles podem ser eclipsados por uma consciência mais realista e madura. Podem não ser externalizados da mesma maneira, mas permanecem em um canto oculto da substância psíquica que precisa ser trazida à tona e mudada no decorrer do desenvolvimento total de todos os seres humanos. Examinando-se a história, podemos ver que o planeta fez o que tantas pessoas fazem – conservar uma atitude muito tempo depois que ela já perdeu o sentido, a finalidade ou a utilidade para o desenvolvimento geral da entidade. Assim, o homem manteve uma posição de superioridade muito depois de a força física ter deixado de ser considerada o maior valor. Outros valores passaram a existir à medida que o desenvolvimento foi ocorrendo, valores que sem dúvida se aplicam igualmente aos dois sexos. No entanto, os homens (e muitas mulheres também) continuaram a considerar o homem superior e a mulher, inferior. Para justificar essa premissa e transformá-la em “fato”, aceitava-se que a mulher fosse intelectual e moralmente mais fraca. Mas todos vocês sabem disso.

Na medida em que o homem não encarava nem aceitava seus sentimentos de inferioridade e fraqueza, na medida em que queria fingir que não tinha tais sentimentos, ele assumiu uma postura de arrogância e superioridade em relação aos que eram mais fracos do ponto de vista físico. Ele precisava de escravos para convencer-se de seu próprio valor. Isso se aplicava aos animais, às pessoas que ele conquistava e subjugava nas guerras, e também às mulheres. As mulheres, mais tarde, preferiram assumir uma postura mental e emocional de dependência, e dessa forma optaram voluntariamente pela escravização, não importa o quanto tenham culpado exclusivamente o homem.

Da mesma forma, o homem manifestava e revelava medo em relação aos que eram fisicamente mais fortes do que ele. E quanto mais medo existia em relação aos que eram mais fortes, maior se tornava o impulso de subjugar as pessoas mais fracas. Esse é um traço humano da pessoa não iluminada que vocês conhecem bem por causa de seus próprios processos interiores. É um fenômeno de compensação. Essa atitude existe na consciência da humanidade até hoje. Está presente também na mulher, pois se vocês olharem bem no fundo de si mesmas, encontrarão atitudes semelhantes arraigadas na consciência. Uma parte da mulher contribuiu para a situação na era que terminou há pouco. Por que a mulher foi subjugada e teve negado seu direito de autoexpressão, de igualdade mental, emocional e espiritual com o homem por muito tempo depois que a força física deixou de ser o maior valor de uma pessoa? A mulher não podia ser apenas uma vítima do desejo egoísta do homem de sentir-se superior e mais forte, de possuir a mulher como um objeto. A mulher também contribuiu para isso.

Vocês, minhas amigas, que estão neste caminho, já não acham extremamente difícil detectar atitudes suas no sentido de não quererem assumir responsabilidade por si mesmas, de quererem que uma figura de autoridade, mais forte, cuide de vocês. Existe uma atitude semelhante no homem. No entanto, no antigo relacionamento entre o homem e a mulher, a mulher se colocava na posição de vítima, manifestando, em seu comportamento exterior, a negação da responsabilidade por si mesma. Ela manifestava essa atitude adotando a lei do menor esforço, para que alguém cuidasse dela. Ela queria que uma figura de autoridade tomasse decisões por ela, assumisse as consequências dos erros dela, levasse a culpa, assumisse a responsabilidade, e lutasse contra as dificuldades da vida. Ela queria usufruir o falso conforto da pessoa subjugada.

No fim das contas ficou claro que esse era um modo de vida muito decepcionante e insatisfatório, como fatalmente acontece, mais cedo ou mais tarde, com todas as concepções erradas. Mas a mulher não assumiu a sua parcela de responsabilidade por esse estado de coisas. Agora, ela joga toda a culpa no homem.

O novo movimento feminista contém muita verdade que é, como em todas as abordagens dualistas, uma meia verdade. A verdade é que a mulher de fato possui as mesmas faculdades de inteligência, engenho, criatividade, força psíquica e autoexpressão produtiva na vida que o homem. A alegação em contrário não faz nenhum sentido e passou a ser um jogo por parte do homem que não quer encarar seus próprios sentimentos de fraqueza e inferiormente e que, assim, precisa sentir-se superior à mulher.

Da mesma forma, a mulher, para tornar realmente significativo o movimento da nova mulher, precisa verificar a parte de si mesma que propiciou sua escravização. Eu poderia até dizer que, quanto mais forte a revolta exterior e a inculpação do sexo oposto, tanto mais forte é, na alma daquela mulher, o desejo de não comandar a própria vida, não ser responsável e assumir as consequên-

cias de seus atos e decisões, mas se apoiar em outra pessoa. Na medida em que ela faz exigências injustas e irrealizáveis, ela se ressentida e culpa a autoridade masculina e joga o jogo da vitimização.

Por outro lado, na medida em que o homem não encara seus medos, culpas e fraquezas, ele joga o jogo da força de uma forma ou de outra e ressentida-se da mulher por explorá-lo e colocar uma carga muito grande em seus ombros. Por causa de sua imaturidade, ambos querem as vantagens sem pagar o preço: o homem quer a posição superior mas reclama da contrapartida – cuidar de uma parasita. A mulher quer as vantagens de ser cuidada, não quer depender de si própria, mas reclama por perder sua autonomia. Ambos jogam o mesmo jogo, mas em sua visão distorcida relutam em ver o que criaram juntos.

Em um nível ainda mais profundo da consciência dos homens e mulheres, também existe o oposto desse comportamento manifesto. O homem também possui um aspecto que o faz fugir da responsabilidade da idade adulta e inveja a mulher que, durante tanto tempo, era socialmente aprovada por agir assim. O homem, então, compensa exageradamente, dando muita ênfase ao jogo do poder. A mulher também tem uma parte oculta que deseja a agressão, o poder, a força – não apenas no sentido real, mas também no sentido distorcido. Ela inveja esses aspectos do homem. Antigamente, esse lado da mulher precisava ser totalmente reprimido. Não era aprovado pela sociedade, assim como a contraparte do homem era rejeitada. Foi só recentemente que essa parte veio à tona, mas muitas vezes ainda é confundida com a autêntica individualidade. Tanto os homens como as mulheres precisam encontrar a saída dessa confusão: como o homem pode ser igual à mulher sem ser fraco? Como a mulher pode preencher-se emocionalmente e ser ao mesmo tempo um adulto autônomo? Esses não são opostos reais, e sim resultados da confusão dualista.

Quando os movimentos, as orientações, as filosofias não tratam do quadro todo, mas apenas com metade dele, é impossível haver o equilíbrio correto. O desequilíbrio vai continuar, sendo apenas o oposto do desequilíbrio anterior. Embora ao longo da evolução o pêndulo às vezes oscile de um extremo exagerado para o seu exato oposto, a compreensão mais profunda e sábia sobre a verdade unitiva pode ajudar a evitar os exageros a esse respeito.

Vocês conhecem esses princípios, sobre os quais já falei muitas vezes aqui no caminho. Um é o princípio do dualismo em contraposição ao princípio da consciência unida. Na dualidade, o homem se sente superior e acredita que a mulher é inferior. Consequentemente, ele a explora, mas também se sente explorado por ela. Num relacionamento assim é impossível haver satisfação. A mulher acha que o homem, fisicamente mais forte, a domina e a explora de maneira injusta, e põe a culpa nele por ser vitimizada. Ambos falham em ver o outro lado, onde são muito semelhantes e onde se complementam mutuamente, de uma forma distorcida.

Falei antes sobre alguns dos pontos que preciso mencionar nesta palestra. Portanto, vou me repetir mais uma vez. Eu disse há muito tempo que os dois princípios, o masculino e o feminino, precisam estar representados na pessoa saudável. Eles podem não ser expressos exatamente da mesma forma no homem e na mulher, pois as diferenças compõem o todo. Mas as diferenças não são de ordem qualitativa. Elas não devem resultar nunca em um juízo de valor comparativo, de que um é melhor ou mais desenvolvido que o outro.

Vamos dar uma olhada na mulher da nova era. Vou esboçar um quadro e depois vamos ver como isso se aplica ao relacionamento entre os sexos. A nova mulher é totalmente responsável por

si mesma e, portanto, livre. Ela se mantém nas próprias pernas, não apenas do ponto de vista material, mas também intelectual, mental e emocional. Com isso, me refiro especificamente ao fato de que ela sabe que homem nenhum pode dar a ela a felicidade e o prazer dos sentimentos harmoniosos se esses sentimentos também não emanarem dela, com amor e integridade, com o coração aberto para o amor e a mente aberta para a sua própria verdade interior. A nova mulher sabe que amar um homem e render-se aos sentimentos por esse homem aumenta a força dela como pessoa. Não diminui sua força. Para a mulher da nova era, não há conflito entre ser um membro produtivo, criativo, ativo da sociedade, e uma parceira amorosa. Não apenas não existe conflito algum, mas, de fato, não é possível escravizar-se a alguém – com o intuito de abdicar da responsabilidade por si mesmo – e sentir amor real por essa pessoa. A velha ladainha de que, por causa da carreira, a mulher se torna menos mulher, menos sensível, menos amorosa, menos capaz de ser uma parceira generosa, na verdade nunca teve fundamentação alguma.

Esse novo estado exige uma força e uma autonomia que é preciso conquistar. E para essa conquista é preciso fazer parte da vida, fazer parte da realidade, arcar com a realidade e tudo o que ela significa. Mas não é preciso fazer isso com ódio, revolta, competição, desafio, nem imitar os piores exageros e distorções dos homens, a agressão negativa, os jogos de poder. É preciso fazer isso através do poder da verdade e do amor, a partir do eu superior. Sempre que se nega alguma coisa real por causa de conceitos errados, de falsas ideias de que é difícil demais, é preciso primeiramente aceitar essas dificuldades, e nesse caso as dificuldades absolutamente não vão parecer tão difíceis. A responsabilidade por si mesmo parece difícil demais, mas não é, uma vez que sejam aceitas as aparentes adversidades, pois isso significa honestidade no modo de encarar a vida.

Quando ainda existem distorções, a mulher continua querendo do homem aquilo que se recusa a fazer por si mesma. Esse não é o caso da mulher da nova era. Isso não significa que duas pessoas que vivam juntas não dividam também, como é natural, suas dificuldades. Mas não é disso que estou falando agora. Vocês sabem perfeitamente bem, por causa do trabalho no caminho, que aquilo que desejavam secretamente de uma autoridade paterna superior, vocês transferiram para o parceiro. Vocês também sabem como esse desejo implícito destrói fatalmente qualquer relacionamento. Ele leva vocês fatalmente a se magoarem e a temerem exatamente aquela autoridade que queriam explorar. O amor só pode florescer em um ambiente de verdadeira igualdade, onde não exista medo, e portanto não exista nenhuma defesa, nenhuma acusação. Contrariamente ao conto de fadas que diz que a feminilidade floresce quando a mulher não é mais que uma serva do homem, na verdade os sentimentos só podem florescer quando a mulher é livre, autônoma, independente na melhor acepção da palavra. Assim, a satisfação depende totalmente da existência da verdadeira igualdade. No momento em que um se acha superior ao outro, passa a respeitá-lo menos, e com isso os sentimentos se fecham. No momento em que um se acha inferior ao outro, é inevitável sentir também ressentimento, medo e inveja, o que também fecha o coração.

A nova mulher não é escrava do homem nem compete com ele. Portanto, ela pode amar, e seu amor nunca vai diminuir sua autoexpressão criativa, mas apenas intensificá-la, assim como sua contribuição criativa à vida só pode intensificar sua capacidade de amar. Essa é a nova mulher.

O homem da nova era não precisará mais de uma parceira mais fraca para não sentir sua própria fragilidade. O homem da nova era admite sua própria fraqueza, a enfrenta e com isso ganha força real. Ele percebe que sua fraqueza é sempre culpa, e a autorrejeição é sempre uma negação da integridade do seu eu superior, de uma forma ou de outra. Portanto, deixa de existir a necessidade de

ter um escravo. O homem não se sente ameaçado por um igual. Não precisa de uma parceira inferior para convencer-se de sua própria aceitabilidade. É claro que é sempre uma aceitabilidade ilusória. Como ele encara suas fraquezas, sua força aumenta. Assim, seu relacionamento com a mulher é realmente igualitário, e ele não se sente ameaçado por alguém que é tão criativo, adequado, moralmente forte, tão inteligente quanto ele mesmo. Ele não precisa fazer as vezes do mestre. Isso permite que ele abra o coração e sinta uma satisfação que antes era impossível. Os círculos viciosos anteriores, quaisquer que fossem, se transformam em círculos virtuosos. Em vez de os sentimentos de inferioridade fecharem o coração, criando ressentimento e ódio e, portanto gerando frustração e acusações ao outro sexo, o círculo virtuoso abre o coração. O homem e a mulher plenamente autônomos, independentes, responsáveis por si mesmos e que expressam seu potencial nada têm a temer, a invejar, a ressentir-se em relação ao outro sexo. Podem, assim, abrir todos os canais dos sentimentos, e assim experimentar realização e também um sentimento de gratidão para com o parceiro.. Dois iguais ajudam-se mutuamente a crescer como indivíduos, como homem e mulher. Esse é o homem da nova era, a mulher da nova era, e o relacionamento da nova era.

Quando isso ainda não existe, o simples fato de vocês poderem identificar as falácias dentro de si – as expectativas distorcidas; os objetivos ilusórios; os sentimentos negativos que são resultado de falsas ideias, de conceitos equivocados – e de também estarem cientes da sua participação, das suas intenções negativas de manter um estado de guerra interior, esse simples fato colocará vocês em uma situação totalmente diferente em relação a si mesmos e em relação ao outro. Assim, o homem da nova era e a mulher da nova era não são necessariamente pessoas perfeitas e totalmente desenvolvidas. No entanto, são pessoas que procuram os obstáculos, procuram a razão de sua falta de satisfação tanto em si mesmos como no outro, podendo assim detectar nas duas partes uma interação, uma intenção negativa que podem ser resolvidas em conjunto. Eles não assumem a postura de donos da verdade acusatórios, o que só faz aumentar a distância entre o eu e o outro, entre o eu e a verdade. A autonomia é um processo de crescimento constante que faz a desconfiança desaparecer. A desconfiança que ainda existe entre os sexos é um resquício dos tempos antigos, quando tudo que fosse estranho e diferente era temido, rejeitado, era algo que se tentava dominar. Na nova era, as diferenças deixarão de gerar medo. Quando se confia no universo, a diferença sempre possui uma atração especial. Quem não teme a diferença, mas se sente atraído por ela, se expressa plenamente e desintegra os blocos de inverdade; realiza seus maiores potenciais. Mas quando isso não acontece e a pessoa sente medo e desconfiança em relação à diferença, quando nega a diferença e o que é diferente, esse fato pode ser usado como gabarito para medir o quanto essa pessoa quer permanecer na inverdade e no sofrimento..

No estado atual de consciência da humanidade, são encontrados em muitos níveis todas essas diferentes etapas de desenvolvimento. A forma mais elevada pode já existir na consciência de vocês, até certo ponto. No pensamento consciente, vocês podem aceitar realmente algumas das ideias que expus aqui. Mas existem também níveis mais profundos nos quais as reações emocionais absolutamente não condizem com as ideias aceitas conscientemente. Não adianta nada postular os ideais conscientes dessas ideias sem ver também em que e como vocês se desviam deles. Esse é o único meio de proteger-se do desequilíbrio e desarmonia interiores e, portanto, também de sua criação exterior. O tema da próxima palestra será o equilíbrio e a harmonia, em termos gerais.

Naturalmente, há uma única chave para tudo o que existe, e essa chave é o amor. Sem essa chave, nada pode ser consertado, unificado, nenhuma verdade pode ser alcançada. No entanto, é igualmente verdadeiro dizer que não se pode obter amor sem a verdade. Num cantinho afastado do

coração dos homens e das mulheres, ainda prevalecem o ódio e o medo; ainda prevalecem o ressentimento e a desconfiança. Mais importante é que a vontade de manter essa situação, a intenção de perpetuar e esconder esse fato impedem o florescimento do coração e da mente dos homens e das mulheres. Na medida em que isso ocorre, vocês ainda não são donos de si mesmos e não são capazes de relacionar-se com os outros e preencherem a si mesmos. A tentativa de relacionar-se e preencher-se, enquanto essa atitude não é alterada, é pura perda de tempo, é totalmente inútil.

Por isso digo a vocês, meus queridos amigos, encontrem esse cantinho em seu coração, essa pequena greta escondida onde vocês detestam o outro sexo. E onde vocês também procuram não reconhecer esse fato, e para isso acusam, culpam, se ressentem, fecham o coração e os sentimentos, com aparente justificativa. A mulher usa o jogo da vitimização, o homem usa o jogo da acusação e da superioridade. Ele acusa a mulher de explorá-lo e usá-lo, e se acha superior àquela parte da mulher que a torna fraca.

O pêndulo, temporariamente, oscilou para o extremo oposto. A mulher passou a ser militante, e muitas vezes se esquece do coração e de seu amor pelo homem, e rejeita a atitude amorosa. No contra movimento do pêndulo, o homem deixou para trás sua agressão positiva, demonstrando neste movimento evolutivo uma fraqueza que nunca teria revelado em eras anteriores.

Todos esses movimentos contrários têm uma finalidade: encontrar o verdadeiro estado centrado. Como eu já disse, o homem descobrirá agora sua verdadeira força. Era preciso que ele deixasse para trás a falsa força, a falsa superioridade. Era preciso que ele passasse por uma fase de visível fragilidade, e agora ele está adquirindo uma nova força, uma força que é capaz de enfrentar a fraqueza. Dessa forma ele expande os valores reais e a força real que existem nele. Não precisa ser o chefe da equipe. Pode deixar seu coração falar e relacionar-se com o coração, no nível emocional, com sua parceira. Pode também se relacionar com sua mulher em termos de igualdade mental. Esse é o homem da nova era.

Para que isso aconteça, meus caros amigos, vocês precisam ir até aquela parte escondida de vocês que não quer perdoar, que não quer entender a verdade e que quer continuar encontrando razões para odiar. Vocês precisam se livrar do ódio pelo outro sexo. Precisam orar por essa capacidade de amar, de perdoar, de entender, de ver que aquilo que vocês detestam e temem, aquilo que provoca desconfiança, existe em vocês exatamente da mesma maneira – embora talvez sua manifestação seja diferente.

A mulher representa, tanto quanto o homem, o princípio ativo. E o homem representa o princípio receptivo tanto quanto a mulher. Na união sexual entre eles nem sempre isso se manifesta externamente da mesma forma, porém as forças interiores precisam juntar necessariamente os princípios ativo e receptivo. Caso contrário, haveria um desequilíbrio. Nenhum homem verdadeiro pode ser um homem a menos que incorpore o princípio receptivo ou, como é chamado, princípio feminino. Se expressar apenas o princípio masculino, ele se torna uma caricatura de homem. Torna-se um valentão, um tirano, um exagero, uma falsidade. Da mesma forma, a mulher que só expressa o princípio receptivo é uma caricatura de mulher, sendo na verdade um bebê que depende dos outros, que nega sua autonomia. Assim, para poder ser totalmente receptiva no plano dos sentimentos, ela precisa expressar o princípio ativo, na mesma medida que o homem.

Os dois princípios precisam estar representados em ambos e precisam complementar um ao outro, embora às vezes também sejam paralelos. Esse equilíbrio perfeito não pode ser alcançado através da mente ou de uma decisão racional. Ele só pode ser encontrado naturalmente, através de um ato interior de amor, do ato interior de livrar o outro sexo da prisão do ódio, da desconfiança, da culpa. Quando essa liberação é pronunciada na meditação diária, a graça de Deus pode operar na consciência da mulher e do homem, e o amor levará à verdade, assim como a verdade levará ao amor. E os dois sexos funcionarão como dois seres humanos igualmente produtivos no novo universo, complementando e ajudando um ao outro, respeitando um ao outro, amando um ao outro, e criando um novo mundo lado a lado, um criando contentamento para o outro. Esse é o caminho.

Agora, meus queridos, podem fazer perguntas.

PERGUNTA: (inaudível)

RESPOSTA: Vocês devem ter notado um padrão neste caminho, meus amigos, no qual invariavelmente, as pessoas precisam resolver primeiro os problemas de carreira para poderem resolver de fato os problemas de relacionamento. No contexto desta palestra isso fica muito claro. Quando os relacionamentos existem para servir de cenário a dependência, parasitismo, exploração do outro e/ou necessidade de dominar e escravizar, durante algum tempo as pessoas envolvidas precisam garantir seu sustento até adquirirem uma dose mínima de autonomia e independência. Depois de ser instituído esse canal criativo, a nova liberdade pode liberar energias anteriormente represadas, e as pessoas podem começar a relacionar-se com o outro sexo de uma maneira totalmente diferente.

Foi muito bom fazer esta palestra, pois tudo que leva ao desenvolvimento da pessoa como um todo – homens e mulheres – é uma alegria para o nosso mundo. Vejam a beleza do Cristo que rodeia todos vocês. Fiquem em paz, sejam seu próprio Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.